

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

## **AJUDE-ME A CRIAR, PROFESSOR(A): A INTERFERÊNCIA DOCENTE NO PROCESSO DESENHÍSTICO INFANTIL**

**Ena Lélis<sup>1</sup>; Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima<sup>2</sup>**

1. Bolsista PIBEX, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, [enalelis@gmail.com](mailto:enalelis@gmail.com)
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, [rbredalima@yahoo.com.br](mailto:rbredalima@yahoo.com.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil, Desenho, Processo Criativo.

### **INTRODUÇÃO**

O estudo “Ajude-me a criar, professor(a): a interferência docente no processo desenhístico infantil” foi desenvolvido a partir de reflexões sobre o comportamento de professores diante do processo desenhístico da criança e da compreensão que esta tem da arte, tendo em vista que as práticas de produção do desenho em sala de aula, comumente, desvalorizam o poder criativo dos alunos, por serem descontextualizadas e sem significação. Em outras palavras, falta à ação educativa maior sensibilidade e percepção do papel influenciador da arte na criatividade infantil, bem como da conexão existente entre o processo criador da criança e o desenvolvimento da sua personalidade.

Por conta disso, o estudo “Ajude-me a criar, professor(a): a interferência docente no processo desenhístico infantil” objetiva contribuir com a prática pedagógica de professores do Ensino Fundamental I, ajudando-os a perceber como a arte configura-se um meio influente na educação infantil. Além disso, pretende estimulá-los à descoberta da sua própria sensibilidade, a fim de reconhecerem as exigências da criança, podendo, assim, instigá-la no seu processo criador. Vinculado ao Projeto de Extensão “Conte-me uma história: a interação de crianças com textos narrativos” e, igualmente a este, produto do Grupo de Estudos, Extensão e Pesquisa em Oralidade, Leitura e Escrita – GEPOLE, do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização – NEPA/UEFS, o estudo encontra-se em desenvolvimento, com alunos do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental I, em uma escola da zona periférica do município de Feira de Santana.

### **METODOLOGIA**

A metodologia, de caráter intervencionista, está pautada em estudos teórico-metodológicos, apoiando-se em autores como Viktor Lowenfeld (1977), Ana Angélica Albano Moreira (2008), Maria Fusari (1999), entre outros relevantes nomes da análise da interferência da arte no desenvolvimento da criança.

A realização deste estudo está baseada em três etapas: 1) diagnóstico dos professores, por meio de diálogos e atividades lúdicas, para identificação da prática e percepção docente acerca da arte e do processo desenhístico em sala de aula; 2) realização de atividades em sala de aula, possibilitando a expressão artística das crianças, tendo como uma das bases a leitura de textos da literatura infantil; 3) oficina com os professores, para análise e discussão sobre o comportamento das crianças na realização da 2ª etapa e do material colhido nesta, a fim de conhecer as interpretações e observações daqueles a respeito do processo criador dos alunos. Será importante, nesta etapa, fazê-los reconhecer que o desenho revela informações relevantes sobre a vida particular de cada criança, configurando-se uma peça-chave para o entendimento de cada um desses seres na dinâmica cotidiana.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Dos resultados observados até o momento, é possível concluir que o processo desenhístico é, antes de mais nada, revelador. Revelador em sua função de imprimir no papel – ou qualquer outra superfície – grande parte do interior da criança, como um “reflexo de toda a personalidade” (MEREDIEU, 1997), possibilitando entendê-la por meio de um diálogo-análise sobre sua produção. Têm-se, desta maneira, grandes narrativas autobiográficas orais. É também interativo, uma vez que incita esses seres a dialogarem sobre os seus desenhos, por meio dos quais, mesmo aquelas mais tímidas, conseguem interagir com o(a) professor(a) ou com os colegas, não apenas respondendo perguntas que lhe são feitas, mas também problematizando.

Com esse estudo, tem sido possível observar que algumas crianças não possuem domínio de escrita ou desenvolta expressão oral, conseguindo, através dos desenhos ou da explicação de cada um deles, comunicar-se com mais facilidade.

Quanto ao papel do(a) professor(a) em sala de aula, é possível perceber duas formas de atuação: primeiro, a interferência negativa, no que diz respeito às limitações impostas às crianças; segundo, a falta de interferência, visto que não há uma interlocução do(a) professor(a) com o seu aluno no momento da produção desenhística. No estudo desenvolvido, notou-se que, quando há interesse do professor frente às criações, a criança dialoga mais, buscando mais elementos para enriquecer o seu grafismo. Com isso, a não-interferência, caracterizada pelo desinteresse ou pela falta de internalização daquela prática, pode também ser considerada negativa.

Essa mesma observação tem sido feita em outros estudos da área, que confirmam a contribuição positiva de uma interferência docente focada nas implicações cognitivas, afetivas, motoras e sociais que é capaz de promover. Desta forma de intervir, Silva (1993) aponta a ampliação de conhecimentos e o refinamento das produções gráficas como duas positivas contribuições.

Os resultados ora apresentados são parciais, chegando ao estágio final da segunda das três etapas previstas. No entanto, já apontam a necessidade premente desta temática ser maior aprofundada nos cursos de formação de professores e na própria escola, enquanto espaço contínuo de formação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As ações de um(a) professor(a) em sala de aula justificam-se na intencionalidade pedagógica. Ao elogiar o desenho do seu aluno, ao conversar com ele durante o processo de expressão gráfica, ao auxiliá-lo, sem intenções, na escolha dos materiais a serem utilizados/experimentados, o(a) professor(a) possibilita à criança construir o seu próprio grafismo. Possibilita, sobretudo, que ela crie a partir de recursos cognitivos, motores e afetivos próprios.

A intervenção docente também pode ser, no entanto, prejudicial, quando tentar seguir uma visão “adultocêntrica”, seguindo modelos de ensino pré-concebidos, com proibições infundadas e sem justificativa. A criança não pode, por exemplo, guiar-se pelo desenho do colega, mas tem de, obrigatoriamente, seguir as orientações colocadas no quadro.

O hiato existente na educação infantil, no que diz respeito à relação aluno-professor *versus* aprendizado está na visão de que apenas o(a) professor(a) é capaz de transmitir conhecimento. Esquece-se de que o contrário também é possível e que, além disso, a troca

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

entre os próprios colegas beneficia o desenvolvimento e a aprendizagem. Trata-se, portanto, de um intercâmbio, de uma relação dialética.

No entanto, entende-se também que, uma vez que um hábito ou um valor não se encontra internalizado em um indivíduo, ele não pode ser transmitido ou praticado. Por conta deste fato, muitas dessas práticas não são realizadas em sala de aula, devido a uma falta de habilidade dos(as) professores(as). É preciso lembrar que, com a aquisição da escrita, o exercício do desenho se perde - o que é um engano, tendo em vista a carga de desenvolvimentos vários que ele beneficia. Essa perda dessa expressão gráfica justifica o fato de que um adulto pouco ou nada desenha. A menos, como afirma Dworecki (1992), que seja um artista. Se a educação de uma criança é proporcionada por um adulto, que é o(a) professor(a), é ele(a), pois, quem recebe o foco maior desse estudo.

### REFERÊNCIAS

- DWORECKI, S. 1992. Criança: evitando a perda de sua capacidade de figurar. Série Ideias, nº 10. São Paulo: FDE, p. 67-71.
- FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, M. F. de R. E. 1999. Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo: Cortez.
- LOWENFELD, VIKTOR. 1977. A criança e sua arte. São Paulo: Mestre Jou.
- LUQUET, G. H. 1969. O desenho infantil. Lisboa: Companhia Editora do Minho.
- MEREDIEU, F. 1997. O desenho infantil. São Paulo: Cultrix.
- MOREIRA, A. A. A. 1995. O espaço do desenho: a educação do educador. São Paulo: Loyola.
- PILLAR, A. D. 1996. Desenho & escrita como sistemas de representação. Porto Alegre: Artes Médicas.
- SILVA, S.M.C. 1993. Condições sociais da constituição do desenho infantil. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 163p.
- VYGOTSKY, L. S. 1930. Imaginación y El arte en la infancia. México: Hispanicas.